

FRAGMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO NO CÍRCULO ESOTÉRICO DA PSICANÁLISE: CONTRIBUIÇÕES DA REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Sérgio Choiti Yamazaki¹

Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki²

Resumo: Os laços sociais na contemporaneidade têm sido problematizados em função da alta procura por atendimentos clínicos, nos consultórios que lidam com os sofrimentos psíquicos. Notadamente, as instituições de ensino têm recebido muitos diagnósticos de alunos com diversos tipos de transtorno, termo utilizado pela psiquiatria e que se baseia no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM 5, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. Contudo, na literatura do campo da saúde mental, particularmente na psicanálise, encontram-se muitos trabalhos que questionam a rapidez com que os laudos são fornecidos a esses alunos, atribuindo-lhes lugares nos quais se reduzem ainda mais os laços sociais, não permitindo que elaborem outras narrativas sobre si mesmos. Dessa forma, tendo como pressuposto o olhar fleckiano de que é no círculo esotérico que as concepções e práticas de uma área de conhecimento se atualizam, apontando para avanços internos à própria teoria e impactando outras esferas acadêmicas, nesta pesquisa procuramos verificar em um importante veículo de disseminação da psicanálise – a Revista Brasileira de Psicanálise, RBP –, se há publicações na interface com a educação e seu entorno, considerando a importância da presença imperativa das subjetividades na contemporaneidade. Foram encontrados na RBP artigos que chamam para discussão aspectos relacionados à educação, mas são poucos os trabalhos de campo que trazem intervenções reais, sugerindo práticas no contexto escolar.

Palavras-chave: Psicanálise; Revista Brasileira de Psicanálise; Educação; Círculo Esotérico; Epistemologia de Fleck.

-
- 1 Psicanalista. Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal da Grande Dourados. Líder do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências de Mato Grosso do Sul.
 - 2 Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente na Universidade Federal da Grande Dourados. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade, ambos da Universidade Federal da Grande Dourados. Líder do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências de Mato Grosso do Sul.

-- ARTIGO RECEBIDO EM 28/02/2025. ACEITO EM 30/05/2025. --

FRAGMENTS ON EDUCATION IN THE ESOTERIC CIRCLE OF PSYCHOANALYSIS: CONTRIBUTIONS FROM THE REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Abstract: Social ties in contemporary times have been questioned due to the high demand for clinical care in offices that deal with psychological distress. Notably, educational institutions have received many diagnoses from students with different types of disorders, a term used by psychiatry and which is based on the Statistical Diagnostic Manual of Mental Disorders – DSM 5. However, in the literature in the field of mental health, particularly in psychoanalysis, many works question the speed with which reports are given to these students, placing them in places where social ties are further reduced, and not allowing them to develop other narratives about themselves. In this way, assuming the Fleckian perspective that it is in the esoteric circle that the conceptions and practices of an area of knowledge are updated and point to internal advances in the theory itself, impacting other academic spheres, in this research we seek to verify in an important vehicle of dissemination of psychoanalysis, the Revista Brasileira de Psicanálise – RBP, if there are publications at the interface with education and its surroundings, considering the importance of the imperative presence of subjectivities in contemporary times. Articles were found in RBP that call for discussion on aspects related to education, but there are few field works that bring real interventions, suggesting practices in the school context.

Keywords: Psychoanalysis; Revista Brasileira de Psicanálise; Education; Esoteric Circle; Fleck's Epistemology.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho trazemos parte das reflexões que estão sendo realizadas durante o desenvolvimento de uma pesquisa em uma universidade pública do país. Procuramos pensar a Educação por meio do campo de especialistas de outra área do conhecimento, a Psicanálise. Este ramo do saber constituído foi escolhido por várias razões. Citemos duas delas. Primeiro porque ela lida com o que temos hoje de mais latente, cuja urgência a torna protagonista do mundo contemporâneo: nas palavras de Lacan, a subjetividade de nossa época (Lacan, 1998). E também porque ela se mostra bastante fértil e com grande potencial para intervenções em laços conflituosos nas mais diversas situações. É o que mostra a clínica, o trabalho em instituições, e o que resulta dos projetos e das ações planejadas e executadas nas escolas e universidades.

Além disso, nos apoiamos em concepções da epistemologia de Ludwik Fleck (2010), conhecida como sociogênese do conhecimento (Delizoicov *et al.*, 2002). Segundo este epistemólogo, os campos especializados do conhecimento atribuem aos objetos e fenômenos, certo saber, que em função de coerções que apontam para formas de pensar e de fazer próprios e singulares destes campos, conscientes ou não, só podem ser verificados, pensados ou vistos, pelos membros destes grupos, os quais são nomeados como *círculos esotéricos* de certo *estilo de pensamento*.

Os círculos esotéricos seriam formados pelos especialistas de determinado campo do conhecimento, que não somente incorporaram suas ideias e práticas,

mas que produzem novos saberes dentro deste campo – estilo de pensamento. São, portanto, capazes de fazer avançar, por mutações internas, em direção a novos conhecimentos, promovendo outros olhares aos objetos e fenômenos.

Por sua vez, os *círculos exotéricos* são formados por aqueles que compartilham do estilo de pensamento, mas que não produzem novos conhecimentos; não são, por assim dizer, especialistas na área em questão. E é, por isso que, estando a educação no círculo exotérico em se tratando dos adoecimentos ou *transtornos psíquicos humanos – nomeados assim pelo DSM 5* –, neste trabalho estamos investigando os olhares e propostas no que tange ao círculo de especialistas daqueles que lidam com estas demandas na atualidade: o círculo esotérico dos psicanalistas.

Assim sendo, neste artigo, iremos nos deter em um recorte da pesquisa que se refere à análise de um dos importantes veículos de disseminação da Psicanálise no Brasil: A Revista Brasileira de Psicanálise (RBP). Apresentamos um olhar crítico e reflexivo sobre os trabalhos que apontam para a complexa interface com a Educação, para pensá-la como um dos lugares formativos que a nós é fundamental para a constituição subjetiva da vida contemporânea: as instituições escolares.

A Revista Brasileira de Psicanálise é uma publicação oficial da Associação Brasileira de Psicanálise. Filiada à Associação Psicanalítica Internacional, é veiculada desde 1967, com o objetivo de disseminar a produção literária psicanalítica nacional, visando estimular a reflexão e o debate de acordo com as questões científicas, culturais, sociais e políticas da contemporaneidade³. Portanto, trata-se de um importante periódico que objetiva a transmissão de pesquisas de qualidade no âmbito da psicanálise e de seu entorno. Desta forma, estamos interessados na possibilidade da interface com a Educação que os artigos podem estar trazendo, uma vez que ela seria útil para refletir e viabilizar avanços reais no trabalho de sala de aula, no que se refere à complexa subjetividade existente entre as personagens da escola.

Assim, nesta investigação fizemos um levantamento dos artigos publicados nesta revista, que se referem à Educação, e os analisamos de acordo com os objetivos e as conclusões dos autores. Em continuidade, analisamos com maiores detalhes os trabalhos que procuraram intervir nas situações escolares reais, pois estas podem ser sugestões de como promover futuras ações junto às instituições educacionais do país.

2 METODOLOGIA

Para o levantamento dos artigos, procuramos em todas as publicações e em todas as edições, referências à educação nos títulos, nas palavras-chave e nos resumos dos trabalhos, tais como: educação, ensino, aprendizagem, professor, escola, sala de aula. Muitas vezes, contudo, a palavra encontrada não se referia ao tema em questão. Por isso, quando havia alguma dúvida com relação ao termo encontrado,

3 In: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0486-641X.

era feita a leitura do texto, até que pudéssemos verificar se a pesquisa se enquadrava no tema investigado. Por exemplo, os termos “professor” e “ensino” poderiam estar associados ao contexto da transmissão da psicanálise, e não à escola básica ou seus derivados. Mesmo o termo “educação” é às vezes uma referência à localização institucional de um dos autores, não sendo objeto de nosso estudo.

Quando encontrados os termos referentes ao nosso tema, o texto era lido integralmente, classificado, e analisado de acordo com os objetivos e conclusões dos autores. Contudo, mais do que um levantamento quantitativo de trabalhos que se apresentam dentro deste tema, nossa intenção é localizar os encontros com a Educação e as contribuições que estes podem gerar para os profissionais envolvidos no tema.

Afinal, há na literatura da área da Educação em geral, muitos trabalhos mostrando as dificuldades enfrentadas por professores de um lado e pelos alunos de outro que se contextualizam em um cenário em que elementos subjetivos e afetivos estão em jogo. E isto tudo tem a ver com a contemporaneidade de nossa época, que remete aos laços possíveis e efetivamente concretizadas pelos sujeitos.

No entanto, como um trabalho que requer análises mais amplas de um veículo de divulgação de pesquisas e reflexões no que tange à Psicanálise, outros textos serão citados, mas iremos articulá-los, na medida do possível, aos laços sociais presentes ou ausentes nas entrelinhas daquilo que se apresenta no contexto escolar.

3 RESULTADOS

Encontramos 12 artigos relacionados ao tema *educação e psicanálise*, conforme mostra o Quadro 1, a seguir. Os artigos são nomeados pela letra A, numerados de 1 a 12, e são seguidos, nas linhas horizontais, pelos seus respectivos títulos, autorias, anos de publicação. O Quadro 2, de forma complementar, traz as conclusões e os objetivos apresentados nos trabalhos.

Quadro 1 – características dos artigos encontrados na Revista

Artigos	Título	Autoria	Ano
A ₁	Contemporaneidade: refletindo com Olgária Chain Féres Matos	Maria de Fátima Chavarelli	2013
A ₂	Clínica Extensa: interfaces da psicanálise e da educação	Heloisa Helena Sitrângulo Ditolvo; Raul Gorayeb; Silvia Martinelli Deroualle	2019
A ₃	Rodas de conversa entre educação e psicanálise: o nascer de um projeto de pesquisa	Carlos Augusto Ferrari Filho <i>et al.</i>	2019
A ₄	Ser daqui vindo de lá, ser de lá vivendo aqui: narrativas e deslocamentos	Patrícia Bohrer Pereira Leite	2017
A ₅	Laços sociais de amparo: parentalidades em foco	Alice Lewkowicz <i>et al.</i>	2018

Artigos	Título	Autoria	Ano
A ₆	A família de Kafka, ou Da educação de crianças no interior de um organismo animal	Enrique Mandelbaum; Belinda Mandelbaum	2017
A ₇	Nada é insignificante, nada é desprezível: Comentário à entrevista de Paulo Nogueira-Neto	Claudio Rossi	2007
A ₈	Horizontes psicanalíticos em debate: notas sobre a história da psicanálise em Minas Gerais	Rodrigo Afonso Nogueira Santos	2017
A ₉	Agora eu era o rei: o anacronismo temporal da criança	Leonardo Posternak	2017
A ₁₀	Extratativismo de olhar, valor de gozo e palavras em refluxo	Eugênio Bucci	2019
A ₁₁	Terça-feira de manhã: lugares para a psicanálise na formação psiquiátrica	Pedro Colli Badino de Souza Leite	2020
A ₁₂	De duas cartas de Kafka à sua irmã Elli sobre a educação de crianças	Franz Kafka – Tradução: Enrique Mandelbaum; Belinda Mandelbaum; Eduardo Brito	2017

Fonte: os autores (2024)

Quadro 2 – Objetivos e Conclusões dos artigos levantados

Artigos	Objetivo	Conclusão
A ₁	Reflexão sobre a contemporaneidade	Informática estrutura o mundo atual, tornando-o veloz, mas trazendo questões como o vazio atual e a brevidade da vida.
A ₂	Intervenções junto a angústia de professores	Ressignificação da compreensão e dos sentimentos apresentados
A ₃	Estudo e reflexão da realidade vivenciada por distintos profissionais da escola, com a participação de psicanalistas, visando compreender o impacto causado pelas rodas de conversa formadas com este fim.	A conclusão remete à possibilidade de sublimar os efeitos traumatizantes do vivido, no coletivo da roda de conversa.
A ₄	Reflexão sobre o lugar do acolhimento, da escuta, das narrativas e da ludicidade no tratamento psíquico institucional.	Conclui-se, pela necessidade da inserção dos dispositivos lúdicos, artísticos e de escuta.
A ₅	Apresentação do projeto de rodas de conversa com educadores, pais e adolescentes, sobre os laços de amparo em comunidades vulneráveis.	Proposta de situações como roda de conversas que exerceriam a função família, além da família tradicional, a fim de sustentar o psiquismo e a vulnerabilidade.

Artigos	Objetivo	Conclusão
A ₆	A partir de cartas de Kafka à sua irmã, os autores discutem a educação.	Para Kafka, a educação (de seu sobrinho) não é o seio familiar, mas o mundo.
A ₇	Trata-se da análise a respeito de uma entrevista de Paulo Nogueira-Neto.	O autor se identifica com vários comentários do entrevistado, e traz mais questões.
A ₈	Traz uma discussão sobre a história da psicanálise em Minas Gerais.	Apresenta o catolicismo como resistência à psicanálise no Estado, mas concluem pela possibilidade de articulação entre psicanálise e a moral cristã.
A ₉	Trazer para discussão o olhar pediátrico sobre o tratamento infantil, incompleto, pois faltaria o aspecto intersubjetivo.	Argumenta pela junção da psicanálise com a pediatria, como uma ponta a ser construída.
A ₁₀	O autor elabora uma hipótese sobre a contemporaneidade: a tecnologia e a indústria do entretenimento não são elementos separados do mundo atual.	A junção das duas esferas postas na hipótese, intervém no imaginário do sujeito contemporâneo, minimizando a razão.
A ₁₁	O autor apresenta uma vinheta clínica sobre a introdução da psicanálise para a formação de psiquiatras.	Discussão envolvendo os desafios da formação psicanalítica entre os médicos psiquiatras.
A ₁₂	Apresentação de duas cartas de Kafka onde consta sua opinião sobre a educação de crianças.	Conclui Kafka que a educação dos filhos não deve ser confiada aos pais.

Fonte: os autores (2024)

Os resultados mostram que entre os 12 artigos levantados, 4 deles (A₂, A₃, A₅ e A₁₁) apresentam algum material empírico, no sentido de mostrar dados que foram coletados de observações ou intervenções reais vivenciadas pelos pesquisadores. Desta forma, os classificamos em “artigos de campo”. Os outros 8 artigos (A₁, A₄, A₆, A₇, A₈, A₉, A₁₀, A₁₂) trazem reflexões de situações particulares, envolvendo a contemporaneidade e/ou a educação, sob o olhar da psicanálise. Como não se referem a dados empíricos, os nomeamos “artigos teóricos”, tal como mostram os quadros 3 e 4:

Quadro 3 – Artigos de Campo

Artigos de campo	A ₂	A ₃	A ₅	A ₁₁
------------------	----------------	----------------	----------------	-----------------

Fonte: os autores (2014)

Quadro 4 – Artigos Teóricos

Artigos teóricos	A ₁	A ₄	A ₆	A ₇	A ₈	A ₉	A ₁₀	A ₁₂
---------------------	----------------	----------------	----------------	----------------	----------------	----------------	-----------------	-----------------

Fonte: os autores (2014)

Algumas reflexões podem contribuir com este resultado, visando trazer para discussão fatores que podem potencializar trabalhos na interface entre educação e psicanálise. Os quadros 3 e 4 mostram que a maior parte dos trabalhos – o dobro – acontece no âmbito teórico, o que pode nos fazer pensar, em princípio, que há mais intenções e ideias do que práticas efetivas que procuram intervenções reais no dia a dia que procuram levar a mudanças factuais.

Pensamos neste resultado como um desafio. Quais as possibilidades de traçar pontes entre o que se propõe e as práticas reais que porventura podem contribuir com a educação, em particular, nas instituições de ensino do país? Para que tenhamos em vista as intervenções que nos foram apresentadas, como vivências analisadas e socializadas, procurando tê-las como parâmetros para novas formas de atuar, iremos, na sequência, trazer detalhes dos trabalhos que foram feitos por meio de pesquisas empíricas.

3.1 O Impacto daquilo que não estava previsto no trabalho docente

O artigo A₂, de Ditolve, Gorayeb e Deroualle (2019), apresenta uma ação concreta efetivada em uma escola em parceria com os educadores da instituição por meio de um projeto interinstitucional, tendo em vista o enfrentamento de problemas relatados pelos profissionais da própria escola. É um exemplo da falta de assimilação daquilo que vem sendo cada vez mais apresentado pelos jovens na contemporaneidade, mostrando um grave sintoma que remete aos tipos e à qualidade dos laços na atualidade. Em termos psicanalíticos, dizemos que se trata da falta de simbolização daquilo que podemos analisar como um *acting out* praticado por muitos alunos que não conseguiram lidar com seus sofrimentos.

Acting out pode ser definido como a materialização daquilo que o sujeito não foi capaz de atribuir uma significação, então ele escapa por meio de uma prática, uma ação enérgica, como reação a algo que o incomoda; ao agir sobre o mundo concreto, o pensamento é posto em ato. Os autores do artigo apresentam o impacto causado em um coletivo de educadores devido à realidade cotidianamente presente em que possibilidades de suicídio e de suicídios consumados os tornam profissionais desamparados e impotentes. A angústia por não conseguir mudar o cenário, prevenindo ou evitando novos acontecimentos, chama a atenção de três psicanalistas que por meio de intervenções atuaram nestes casos.

Também o artigo A₃ (Ferrari Filho *et al.*, 2019) apresenta situações traumáticas vivenciadas por educadores. Desta vez, os autores problematizam a realidade violenta dos alunos frente ao abuso de crianças presente na comunidade onde se localiza a

escola. Neste artigo, os autores analisam o trabalho de formação continuada de professores da educação infantil que tinha o aporte teórico da psicanálise.

Ambos os trabalhos, de Ditolvo, Gorayeb e Deroualle (2019) e de Ferrari Filho *et al.* (2019), mostram novos olhares constituintes dos processos escolares que contribuíram com certo apaziguamento dos conflitos vivenciados pelos professores. Sendo sentimentos de um coletivo, há resíduos das relações interindividuais que não foram muito bem assimilados, ou, em termos técnicos, não foram simbolizados. São “... elementos inconscientes individuais que vão transitar com elementos inconscientes grupais e interindividuais, os quais precisam ser contidos, compreendidos e elaborados, sob o risco de desorganizar ou mesmo criar situações de violência” (Ditolvo; Gorayeb; Deroualle, 2019, p. 286-287). Segundo René Kaës (1991), neste *aparelho psíquico grupal* há uma nova “ferida narcísica, segundo a qual a instituição vai trazer ganhos, mas também frustrações e sofrimentos” (Ditolvo; Gorayeb; Deroualle, 2019, p. 287).

Os autores realizaram um trabalho após convite dos diretores de Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo, em função da preocupação com o aumento do número de suicídios entre os alunos.

A ideia foi desenvolver, com os educadores e a partir de seus próprios relatos, um pensar comum, um entendimento das dificuldades que surgem no dia a dia, para que eles recuperassem a confiança na sua capacidade de manejo e resolução de problemas. Propusemos criar um espaço de troca de experiências e, com base na contribuição de todos, construir um saber comum, possibilitando a produção de uma nova narrativa do grupo, para o que eles mesmos estavam vivendo. (Ditolvo; Gorayeb; Deroualle, 2019, p. 289).

Estes encontros puderam propiciar escutas e diálogos capazes de modificar o sentido angustiante que os profissionais da escola experimentavam diante deste cenário. Tendo como um dos eixos a construção de uma forma de trabalho coletivo, houve mesmo uma mudança na forma de conceber a situação, fazendo com que o enfrentamento do problema pudesse ser visto por meio de um projeto com a participação dos professores. Isto foi fundamental na medida em que os casos eram comumente encaminhados para um ambiente “não escolar”, onde profissionais que apesar de serem especializados em condutas desta natureza, não fazem parte deste coletivo, no sentido estrito do termo. Esta forma de lidar com o problema leva ao “mito do especialista” (Ditolvo; Gorayeb; Deroualle, 2019, p. 290).

Surge o que denominamos de *mito do especialista*, a necessidade do grupo de colocar a angústia vivida e a responsabilidade pelo conhecimento – o suposto saber – num profissional de fora da instituição, devidamente preparado. [...]. O mito do especialista está ligado à fragmentação dos procedimentos e à projeção do saber em uma entidade externa, com o objetivo de atenuar a angústia despertada numa reflexão sobre si e sobre a instituição. Alguém de fora teria o saber necessário para lidar com situações tão delicadas e complexas. (Ditolvo; Gorayeb; Deroualle, 2019, p. 290).

Os autores “falam|” como enfrentaram a questão: “O nosso trabalho consistiu em desfazer esse mito e levá-los, enquanto grupo de educadores, a se perceber

capazes de refletir, aproximar-se e apropriar-se das questões de seus alunos, com a competência que já têm, mas não reconhecem” (p. 290).

Afinal,

Em nossas discussões, observamos que muitos alunos, ao passarem por atendimento médico especializado, recebem atestados, os quais os afastam das atividades escolares por longos períodos. Isso caracteriza o fenômeno da estigmatização, cuja consequência é a retirada de direitos de pertencimento social. A ajuda recebida fora da escola não deve ser argumento para interferir na condição do adolescente enquanto aluno. (p. 294).

Como um dos resultados das intervenções, os autores afirmam: “em nossa interlocução com os educadores, foi se construindo a importância da inclusão social, a premência de tecer redes de cuidado mútuo. Ou seja, temos que reaprender a viver em comunidade, reaprender o fazer junto” (p. 294).

Contudo, o trabalho não se limita a este aspecto da insegurança inicial dos profissionais da escola. Os autores mostram algumas transformações em outros fatores presentes inicialmente entre eles, e que foram sendo, pela escuta e pelo diálogo, desconstruídos.

Ferrari Filho *et al.* (2019) – A₃ – também em intervenções análogas trazem experiências de um projeto de mais de uma década com a formação continuada de professores por meio da aplicação de conhecimentos da Psicanálise. Em um trabalho interdisciplinar, a Sociedade Psicanalítica, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação, ambas de Porto Alegre (RS), forma um grupo de educadores, assessores pedagógicos e psicanalistas, e promovem discussões em ciclos de encontros de vários problemas de violência que atingiam os alunos da escola, os profissionais da instituição e a comunidade em que ela se localizava. Os sujeitos participantes do projeto diziam-se traumatizados com os episódios vivenciados, o que os tirava do controle destas situações.

Nos encontros se materializavam o que chamavam de “rodas de conversa”, atividades que, segundo os autores, eram exemplos de uma “intervenção psicanalítica no campo social” (Ferrari Filho, *et al.*, 2019, p. 252) e tinha como característica dar certo sentido para as vivências dos participantes, proporcionando controle sobre elas.

Com esta perspectiva, os autores analisam as atividades por meio de noções teóricas e clínicas próprias da Psicanálise. São discutidos os conceitos de transferência e contratransferência de Freud, presentes no campo intersubjetivo e próprios das relações humanas, nas rodas de conversa. Os autores notam que os fenômenos da transferência e da contratransferência remetem a elementos afetivos muito antigos, que nos atravessam trazendo desamparo. O fenômeno da transferência, portanto, é uma tentativa de simbolização de uma falta singular e primordial, para que ela (a falta) diminua seu potencial para influenciar o presente.

As rodas de conversa, portanto, contribuíram com aqueles que nelas se implicaram no sentido de elaborar certas representações simbólicas daquilo que

por ora só podia ser visto por meios traumáticos. As transformações da relação com os elementos psíquicos traumáticos também podem ser vistas por meio do modelo mãe-bebê de Winnicott. Este modelo mostra que a partir da simbolização de frustrações e gratificações experienciadas pelo bebê, ele acaba por compreendê-las. Da mesma forma, “a transformação [...] [do] insuportável em algo tolerável só é possível através da função de pensar essas emoções primitivas, que estão presentes ali, na mente do sujeito, em qualquer época de sua vida adulta” (Ferrari Filho *et al.*, 2019, p. 254). Assim sendo, “tratar-se-ia, portanto, do ponto de vista do educador, de estabelecer, a partir das rodas de conversa e através da construção de novas vertentes para a simbolização do sofrimento causado pela não compreensão, saídas mais saudáveis às situações até então impeditivas do livre pensar em sala de aula” (Ferrari Filho *et al.*, 2019, p. 255).

As rodas de conversa também são abordadas no artigo A₃, de Lewkowicz *et al.* (2018), que também, em Porto Alegre, desenvolvem atividades envolvendo educadores, alunos e pais no entorno da discussão dos laços sociais de (des)amparo nos grupos de indivíduos vulneráveis. Os autores propõem que certas instituições ou grupos possam adquirir funções análogas àquelas exercidas pelas famílias, no sentido tradicional do termo. Com este objetivo, apresentam relatos de grupos vulneráveis que foram influenciados pelo “efeito família”. Os grupos vulneráveis,

são pessoas que carregam um potencial traumático e estão sujeitas a pressões de diversas naturezas, desde o desmantelamento das famílias até a negligência e o abuso de suas crianças; que vivem num meio extremamente violento, mergulhado na ditadura do tráfico, com todos os riscos de vida implícitos. Fazemos rodas de conversa e nos disponibilizamos para a escuta, oferecendo a possibilidade da palavra verbal, não verbal e sensorial. (Lewkowicz *et al.*, 2018, p. 120).

As rodas de conversa foram efetivadas por meio de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) e com o Projeto Pescar. Nelas, aconteceram diálogos entre educadores, adolescentes e pais, ações intersubjetivas nas quais se destacam “a palavra, o olhar e a escuta” (Lewkowicz *et al.*, 2018, p. 121).

Indo além, por meio do relato de um caso real, as autoras procuram analisar o quão surpreendente podem ser as ações de distintas organizações, no sentido do acolhimento proporcionado por elas. Mostram-se sensibilizadas por isso, uma vez que não é incomum os casos de desamparo no seio familiar. Com relação a este ponto, elas afirmam: “As crianças e os adolescentes se identificam com os pais ou cuidadores. Se estes, porém, estão deprimidos, angustiados, e recorrem à violência como modo de ser para sobreviver, que possibilidades têm essas crianças e adolescentes de armar uma representação de si diferente” (Lewkowicz *et al.*, 2018, p. 123-124).

Soma-se a este panorama, o potencial transformador que as rodas de conversa podem levar para os participantes, pois são dispositivos que, mesmo sendo de atenção aos movimentos psíquicos dos sujeitos, são influenciados por manifestações

inconscientes formadas muitas vezes por coações sociais mais amplas. Desta forma, ações que não levam em consideração os aspectos sociais e incluem somente tratamentos fechados, ou mesmo se limitando às relações parentais, podem estar obstaculizando o processo de libertação do desamparo.

Acreditamos que a **função família** designaria uma subjetividade em redes, que sustentariam ou derrubariam o psiquismo num espaço ramificado de vínculos, os quais **ultrapassam a família nuclear convencional**. Nessas redes, coexistem filiações biológicas e não biológicas, e a família se expande para englobar pessoas, instituições e grupos em condições de exercer essa função. (Lewkowicz, p. 126, grifos em negrito nossos).

Portanto, neste projeto as rodas de conversa se mostraram úteis e transformadoras, podendo contribuir com outras ações que objetivam contribuir com as pessoas que estão vivendo em condições de vulnerabilidade, e que necessitam de acolhimento.

Enfim, os trabalhos supracitados nos mostram aquilo que não estava previsto no trabalho docente, a não ser se considerarmos que a terceirização dos problemas seja uma opção. Na sequência, apresentamos o olhar gerado a partir da leitura de outro trabalho levantado nesta pesquisa. Explanamos os argumentos utilizados pelo autor, articulando-os a outros trabalhos, com o objetivo de colaborar com novas atuações que possam cooperar com uma educação afetiva.

3.2 O Impacto daquilo que estava previsto no trabalho docente: o laudo do médico psiquiatra

O artigo A₁₁, de Leite (2020), apresenta uma vinheta clínica referente à introdução da psicanálise na formação dos psiquiatras. Ele faz uma análise de três grupos de residentes em psiquiatria, com relação à formação em psicanálise tendo como base certa aceitação, rejeição ou mesmo indecisão com relação ao futuro desta formação, em suas práticas clínicas.

A vinheta mostra o caso de um adolescente levado à clínica psicanalítica pelos pais, em função de seu isolamento familiar e social e de seu desinteresse pela escola. Assim, apesar de comparecer às sessões fazia questão de dizer que estava ali pela pressão familiar, e não por vontade própria. Desta forma, em muitas ocasiões ele o provocava com reações como destruição do consultório, palavras ofensivas e até descaso demonstrado por momentos em que dormia durante a análise.

Contudo, no decorrer do tempo algo do paciente se mostra, parecendo avançar, em certa medida, para encontros com verdades subjetivas e inconscientes, o que faz com que Leite (2020) argumente pela insistência na entrada de práticas psicanalíticas, pois mesmo que se tenha inicialmente resistência a elas, esta pode se transformar, permitindo aceitação e formação profissional.

Por exemplo, quando um residente, ao atender um paciente em psicoterapia, consegue se identificar e se desidentificar de certo objeto, e pensar sobre tal dinâmica. Não é raro observarmos que, a partir de uma experiência como

essa, algo sobre sua capacidade de percepção muda. O residente começa a reconhecer a existência de deformações da instância Cs-Pcp por forças inconscientes/pulsionais, o que faz com que confie de maneira menos absoluta nos seus sentidos. Esse tipo de ganho analítico tem a capacidade de instabilizar a onipotência positivista que encontramos com frequência no campo da formação médica. (Leite, 2020, p. 220).

Estamos diante de um fenômeno complexo, pois os fatores externos acabam por influenciar diretamente as instituições, e nem a saúde, nem a educação, é exceção. A autora reproduz parte do documento que diz respeito à formação do psiquiatra no Brasil, mostrando que a psicanálise não é contemplada, a não ser por algum esforço de inferência, como o termo “psicoterapias em geral”. Esta informação condiz com uma crítica já apontada na literatura da área da saúde mental que se relaciona com o dia a dia das escolas brasileiras – dia a dia de uma instituição contemporânea.

Chavarelli (2013) nos traz o que para nós é a marca da contemporaneidade: a velocidade do tempo ou a rapidez com que a concretização da vida tida como satisfatória se instaura cada vez mais no mundo atual. Considerando a terapia como o antídoto para este sintoma coloca a informática como eixo que embasa a estrutura e a ética do mundo contemporâneo e a compara com o totemismo presente nos povos selvagens.

Esta psicopatologia do mundo contemporâneo, como retrata a autora, está presente em todas as esferas da sociedade, sendo bastante influenciadora entre os jovens que estão nela se constituindo subjetivamente desde muito pequenos. A escola pode ser considerada como braços que se erguem de um mundo anterior, que desde o nascimento de cada criança já está consolidada; concretizada para alguns, na memória para outros que não podem vivenciá-la e a tem como objetivo de vida.

Mas, a atroz patologização e medicalização das crianças nas escolas e no consultório médico, parece exigir “um furor em tentar evitar, custe o que custar, qualquer desvio do mundo da normalidade, com todas as dúvidas e questões sobre o significado do termo” (Posternak, 2017, p. 131).

Primeiro aparecem os carimbos: hiperatividade, *deficit* de atenção, condutas antissociais etc. Logo, são incluídos na CID e, em seguida, logicamente, aparecem os medicamentos, a maioria com muitos efeitos colaterais. Os sintomas viram síndromes, e assim se acaba apelando para a medicina e a farmacologia. [...]. O século XXI ... transformou-se num entulho de doenças muitas vezes inexistentes, acompanhadas de medicalização excessiva e perigosa para as crianças e as famílias. (Posternak, 2017, p. 131).

Além da questão que remete à rápida solução dos problemas cotidianos e da vida em si mesma, por meio do uso exacerbado da ciência e da tecnologia, o autor chama a atenção para alguns riscos à própria infância em relação à educação e à humanização. Segundo o autor as crianças não brincam com as máquinas disponibilizadas, apenas interagem com elas, pois fazem o que querem com os instrumentos, como no caso dos *video games*. A criança adquire mais velocidade e coordenação motora, mas, por outro lado, tem pouca possibilidade de representar, de simbolizar ou de fantasiar.

Além disso, as relações com as coisas, ao invés de relações com outros sujeitos, levam ao enfraquecimento dos laços sociais necessários para que a criança simbolize suas questões e fantasias, permitindo que ela tenha saúde mental. O autor, neste sentido, afirma: “Com a criança, devemos sempre perguntar e ouvir o que ela tem a dizer. Se não a escutarmos com respeito em sua genuína demanda, ela vai se calar definitivamente, com o risco até de adoecer” (Posternak, 2017, p. 137). Por último, o autor, sendo médico afirma:

Nós, pediatras, devemos assumir o papel de ouvintes qualificados, instigadores e questionadores. Caso contrário, nos converteremos em técnicos da infância e funcionaremos como conselheiros; acabaremos oferecendo um saber objetivo sobre sujeitos, o que constitui outro paradoxo. O que se quer transmitir a um filho ao educá-lo? Penso que queremos transmitir-lhe no mínimo as necessidades básicas para a sua socialização, transmitir-lhe uma cidadania possível.

Se referindo a trabalhos de outro profissional – Donald Winnicott – do círculo esotérico dos médicos pediatras, e também psicanalista, para amparar seus argumentos, Posternak (2017) afirma que a criança “não existe sozinha”, pois “ela é parte de uma relação”. Complementa que ao pediatra cabe a função de “cuidar da **saúde mental** das crianças” (p. 130, grifos nossos).

Entretanto, apesar da posição ética que localiza a criança numa relação com outros sujeitos, aquém dos objetos, há uma quantidade excessiva de laudos e medicalizações remetida às escolas (Ferreira, 2016; Schicotti; Abrão; Gouveia Júnior, 2014; Schicotti, 2013; CRP/SP, 2019; Insfran; Ladeira; Faria, 2020; Kamers, 2013; Amarante; Pitta; Oliveira, 2018) que atribui aos alunos, crianças e adolescentes, transtornos de diversos tipos. Estes estudantes são tratados de acordo com certos ajustes que fazem com que haja adaptação social, muitas vezes violentando as subjetividades constitutivas e singulares de suas personalidades.

Neste contexto, tal como no caso do “mito do especialista” (Ditolvo, Gorayeb e Deroualle, 2019), desautorizam-se professores em suas funções didáticas e interpessoais com esses alunos que, uma vez “laudados”, são reconhecidos por uma série de especificidades, as quais necessitam ser normatizadas dentro de parâmetros sociais aceitos, pois são estes os reguladores de um desenvolvimento considerado normal, ideal.

Diante destes alunos *desviantes* surge a necessidade de que sejam encaminhados a especialistas capazes de dar as respostas que a eles faltam. No retorno à escola, o sujeito carrega consigo algo que, aos olhos do discurso (psico)pedagógico e medicalizante, é capaz de dizer com precisão quem é este sujeito e de que se trata aquilo que surge como *desviante*: o laudo. (Fanizzi, 2017, p. 7).

Portanto, comportamentos que fogem do esperado são questionados, levando à busca de laudos para justificá-los e a formas de adequá-los, mesmo que sob medicalização. Desta forma, “o laudo passou a ocupar no imaginário dos professores posição de grande importância” (Fanizzi, 2017, p. 69), remetendo muitas vezes à “medicalização da educação”.

4 CONCLUSÃO

Os resultados de nossa incursão à Revista Brasileira de Psicanálise nos remetem à problematização dos laços sociais vivenciados entre os personagens das escolas, em função da falta de uma formação docente que capacite a ações frente a situações em que, além dos elementos racionais e objetivos normalmente presentes e esperados nas relações, as fragilidades vindas dos mecanismos subjetivos de alguma maneira se faziam aparecer. Os motivos são além de internos, preponderantemente externos à escola, uma vez que estamos todos inseridos em uma realidade social, econômica e política mais ampla (por exemplo, como a que traz Posternak, 2017, citado neste artigo).

É o caso também da influência da medicalização da escola, e de seu suporte diagnóstico, o laudo que sustenta sua prática; ou seja, daquilo que está previsto, uma vez que se trata de um senso comum contemporâneo, o de que a medicalização, inclusive dos comportamentos e da diversidade psíquica, para qualquer atitude ou reação distante daquilo que não se adéqua ao que é socialmente aceito, deve ser administrada. Portanto, esse tipo de diagnóstico aponta mais para um diagnóstico social do que psíquico.

Apesar disso, os resultados apresentados nos artigos A_2 , A_3 e A_5 , são formas de lidar com algumas das questões do cotidiano escolar, que, sem dúvida, podem ser, cada qual em seu contexto, replicadas e reanalisadas, a fim de ressignificar as angústias que ferem e reorganizar a realidade profissional. As rodas de conversa, por exemplo, podem permitir aos sujeitos que delas participam, mudanças nas narrativas sobre os alunos e sobre eles próprios, possibilitando ver os conflitos e as relações por meio de outros ângulos, quem sabe, apaziguando as dores sentidas. Os resultados parecem apontar para esta possibilidade em intervenções futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade é, para Chavarelli (2013), desconforto. Sua marca é a velocidade com que as coisas devem acontecer. Se faz premissa de um tempo, de uma sociedade na qual o discurso se apresenta de tal maneira que produz implicações que levam a impotência perante a ordem social e psíquica imposta. Angústia e desamparo, “pedidos de socorro”, como relatam Ditolvo, Gorayeb e Deroualle (2019), fizeram com que, mal atendidas ou sequer ouvidas, estas pessoas tirassem a própria vida. Foram consumadas pelas questões e demandas dos tempos atuais.

Seriam as intervenções, como as que seguem em A_2 , A_3 e A_5 , suficientes para mudar esta realidade? Leite (2017) sugere inserir narrativas literárias a fim de descentrar situações difíceis, extremas. Já Lewkowicz *et al.* (2018) propõe a “instauração” de comunidades capazes de exercer a função família, permitindo que laços de amparo sejam construídos. Posternak (2017) mostra-se sensível à união da pediatria com a psicanálise, tendo como atribuição o respeito e a ética aos desejos da criança. Essas considerações nos levam à mesma questão de Rossi (2007):

“poderíamos fazer um pouco mais? Poderíamos multiplicar nossa ação e atingir mais pessoas? De que maneira isso poderia ser feito?”.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo; PITTA, Ana Maria Fernandes; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. (Orgs.). **Patologização e medicalização da vida: epistemologia e política**. São Paulo: Zagodoni, 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 31-86.

BUCCI, Eugênio. Extrativismo de olhar, valor de gozo e palavras em refluxo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.53, n.3, p. 97-114, 2019.

CHAVARELLI, Maria de Fátima. Contemporaneidade: refletindo com Olgária Chain Féres Matos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.47, n.2, p. 39-45, 2013.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, CRP/SP. **Patologização e medicalização das vidas: reconhecimento e enfrentamento**. São Paulo: CRP/SP, 2019. In: <https://www.crpssp.org/uploads/impresso/2712/2REvRlZxOwmcqcla4uOjLBNciVBD6yAr.pdf>. Acessado em 27/03/2014.

DELIZOICOV, Demétrio *et al.* Sociogênese do conhecimento e pesquisa em ensino: contribuições a partir do referencial fleckiano. **Cad. Bras. Ens. Fis.**, v.19, número especial, p. 52-69, jun. 2002.

DITOLVO, Heloisa Helena Sitrângulo; GORAYEB, Raul; DEROUALLE, Silvia Martinelli. Clínica extensa - Interfaces da psicanálise e da educação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.53, n.4, p. 285-297, 2019.

FANIZZI, Caroline. **A educação e a busca por um laudo que diga quem és**. 2017, 139f. Dissertação. (Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo). São Paulo, USP, 2017.

FERRARI FILHO, Carlos Augusto *et al.* Rodas de conversa entre educação e psicanálise: O nascer de um projeto de pesquisa. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.53, n. 2, p. 245-260, 2019.

FERREIRA, Giuliana Sorbara. **TDAH: uma doença que se pega na escola Um estudo sobre a medicalização da infância como demanda sociocultural**. 2016. 174f. Tese. (Doutorado em Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista). Araraquara, SP, UNESP, 2016.

FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010. 205p.

INSFRAN, Fernanda; LADEIRA, Thalles Azevedo; FARIA, Samela Estéfany Francisco. Fracasso escolar e medicalização na educação: a culpabilização individual e o fomento da

cultura patologizante. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 7, n.15, p. 133-160, set./dez., 2020.

KAFKA, Franz. De duas cartas de Kafka à sua irmã Elli sobre a educação de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.51, n 2, p. 119-125, 2017.

KAMERS, Michele. A fabricação da loucura na infância: psiquiatrização do discurso e medicalização da criança. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.18, n.1, p. 153-165, jan./abr. 2013.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LEITE, Patrícia Bohrer Pereira. Ser daqui vindo de lá, ser de lá vivendo aqui: narrativas e deslocamentos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.51, n.1, p. 46-60, 2017.

LEITE, Pedro Colli Badino de Souza. Terça-feira de manhã: Lugares para a psicanálise na formação psiquiátrica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.54, n.2, p. 209-222, 2020.

LEWKOWICZ, Alice. Laços sociais de amparo Parentalidades em foco. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.52, n.4, p. 119-128, 2018.

MANDELBAUM, Enrique; MANDELBAUM, Belinda. A família de Kafka, ou Da educação de crianças no interior de um organismo animal. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.51, n.2, p. 127-133, 2017.

POSTERNAK, Leonardo. Agora eu era o rei: O anacronismo temporal da criança. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.51, n.4, p. 125-140, 2017.

ROSSI, Claudio. Nada é insignificante, nada é desprezível - Comentário à entrevista de Paulo Nogueira-Neto. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.41, n.4, p. 25-29, 2007.

SANTOS, Rodrigo Afonso Nogueira. Horizontes psicanalíticos em debate: Notas sobre a história da psicanálise em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.51, n.4, p. 201-215, 2017.

SCHICOTTI, R. V. O. **TDAH e infância contemporânea: um olhar a partir da psicanálise**. 2013. 157f. Tese. (Doutorado em Psicologia, Universidade Estadual Paulista). Assis- SP, UNESP, 2013.

SCHICOTTI, Rosana Vera de Oliveira; ABRÃO, Jorge Luis Ferreira; GOUVEIA JUNIOR, Sérgio Augusto. TDAH e medicalização: considerações sobre os sentidos e significados dos sintomas apresentados por crianças diagnosticadas. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v.25, n.1, p. 135-154, jan./abr. 2014.